

HAMPTON-COURT.

O PALACIO de Hampton pertenceu no decimo sexto seculo ao cardeal Wolsey, tão ambicioso homem quanto opulento e soberbo, que com superior magnificencia ahi hospedou por vezes mui distinctos personagens, entrando nesse numero o famoso Henrique 8.^o: varios soberanos o habitaram em diversos periodos antes e depois de ser morada do usurpador Cromwel. Hoje, alem das camaras e salas reservadas para recepção das pessoas reaes, habitam por concessão regia muitas familias particulares nos pavimentos inferiores e casas independentes. Este edificio mui vasto comprehende tres pateos abertos e quadrangulares, cercados de diferentes construcções mais ou menos elegantes, o primeiro dos quaes occupa uma superficie de 170 pés de comprimento por 140 de largura. A entrada é do lado do occidente tendo nas extremidades do frontispicio suas torrinhas octogonas. Um formoso vestibulo de arcadas dá communicação para o quadrangulo central, onde fica da banda do norte a sala grande, que na verdade é magestosa, fazendo-a realçar mais o tecto de madeira de carvalho delicadamente lavrada; a quem revista esta casa ocorre logo á imaginação os sumptuosos banquetes, que nella deu o cardeal Wolsey com tão fastosa e desmedida profusão que os chronistas desse tempo assentaram de os registrar em seus livros para conhecimento e assombro dos vindouros; basta lembrar que os famulos, criadagem e mais gente da casa de Wolsey faziam o computo de mil pessoas.— O terceiro quadrangulo, que chamam da fonte em rasão do chafariz que tem no meio, foi renovado ou quasi todo reconstruido reinando Guilherme 3.^o; corre por todos os seus quatro lados uma elegante columnada da ordem jonica; da parte do norte está a capella que pela ri-

queza dos marmores e obra de talba é digna da attenção dos curiosos. Porem o monumento artistico de mui grande valia que possui Hampton-Court é a preciosa collecção dos cartões de Raphael d'Urbino, que os nossos leitores já conhecem. Todavia pelas numerosas camaras e salas do palacio ha quantidade de boas pinturas de professores distinctos.— Os jardins e outros recreios para a vista e para passeio são no gosto hollandez; a matta que tem obra de legua e meia em circumferencia, é situada á beira do Tamiza donde procede um canal guarnecido de apraziveis lamedas.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

13.^o

Uma cca popular.

ORA agora dêmos um passeio aqui muito perto. E, não é nada, estamos na *Vejarua*, leitores — com o pensamento, ao menos. Estamos na rua principal de Burgos, diferente em tudo da de hoje, excepto no nome; porque a *Vejarua* onde nos achâmos é do anno 933 quando apenas tinha decorrido meio seculo des que o conde D. Diogo fundára ou povoára, por mandado de D. Affonso 3.^o, a capital de Castella, aggregando e formando um todo das casarias ou pequenas povoações que estavam repartidas por aquelle territorio. Na parte da mesma rua mais afastada da montanha onde está edificado o castello, não vêdes mesmo defronte da igreja de S.^{ta} Coloma aquel-

2.^a SERIE — VOL. III.

la casa baixa com as paredes de pedra, e hervas crescendo-lhes por entre as frinchas, e com o tecto de colmo? Pois alli é que mora a tia Josefa.

A porta é tão baixa e estreita como mais de uma vez para seu damno o experimentaram os freguezes d'aquella insigne velha, nas visitas nocturnas que faziam á sua baiúca, em noites que acontecia serem muito escuras, e ainda n'outras em que no céu havia luar, mas cerração completa nos olhos dos devotos d'aquella casa; cerração nascida das soporíferas gótas que lh'os tinham enturvado. E ou porque ao entrar lhes esquecia abaixar-se, ou porque se não abaixavam tanto quanto era necessario, fizeram famosos gallos, e rogaram tremendas pragas para maior, honra, gloria, e proveito da dona da casa.

Alem d'este perigo que se apresentava logo ao limiar da porta da tia Josefa, antes de chegar a ella, havia outros causados da má policia, e barbaria d'aquella epocha; porque a *Vejarua* com ser a principal rua de Burgos, nem por isso deixava de ser mui estreita e tortuosa, e cheia de desigualdades, altos e baixos e covas aqui e acolá, pois não estava calçada; e por isso eram os tombos frequentes vezes dados seja pelos que iam para a taberna classica da nossa estimavel heroína, seja, principalmente, pelos que sahiam d'ella, depois de terem devidamente refrescado as guelas.

A providentissima tia Josefa, taberneira e boticaria ao mesmo tempo, não a apanhavam descuidada estes accidentes; porque tinha sempre promptos com muita antecipação todos os preparos para os desastres dos seus apreciaveis freguezes. Não faltavam n'aquella casa caritativa o vinagre, as tiras de linho ou de algodão para chapinhar as contusões dos feridos; e, se as brechas eram mais graves, o seu pedaço de ferro espalmado para lhes apertar o chumaço ou o parche; *ferro*, digo eu, porque dinheiro [ainda que fossem chapões] não aventurava a esse risco a boa e cautelosa da velha: de maneira que os tombos rendiam-lhe quasi tanto como as cabelleiras. *Rendiam-lhe*, digo eu; porque o mais precioso aforismo da sua arte de curar era — *não curar de graça*.

Tinham dado ave-marias na igreja de S.^{ta} Coloma, edificada mesmo no meio da *Vejarua*; e o honrado sineiro depois de haver repicado aos fieis com a maior destreza e devoção que podia ser, desceu da torre pela escada de mão por onde tinha subido, e foi buscar inspirações musicaes para o repique do dia seguinte á tasca da tia Josefa, que lhe ficava a dois passos mesmo defronte de S.^{ta} Coloma. Mas ao salvar o limiar da porta, ou porque n'esse momento acertasse de passar uma pequena nuvem que encubriu a lua [porque n'essa noite fazia luar]; ou porque o honrado sineiro sahindo da igreja que estava completamente ás escuras, a claridade repentina lhe cegou a vista, o caso é que indo a entrar de corpo direito pela porta da taberna, apesar de ser baixo deu com os focinhos na umbreira uma pancada tão desamparada, que cahiu redondamente no chão quasi sem sentidos. Ao baque acudiram a tia Josefa, e a Anna Canhota, sua ajudante, uma rapariga, a que ninguem tinha que dizer; trouxeram para dentro de casa o sineiro; e ao menos conseguiu-se que entrasse uma lasca de pedra nos cascos rebeldes de mossem Graviel, [que este era o seu nome] onde até então nada tinha podido entrar. A velha, experta clinica, atacou a ferida do sineiro com todas as forças da arte, isto é,

com vinagre por fóra e vinho por dentro; remedio prodigioso a que não podia resistir o mal, ainda que fosse mais serio. Mossem Gabriel recobrou-se logo do atordoamento da queda, e até deu signaes de jovialidade, contra o seu costume; de sorte que quando foram entrando os outros freguezes, chamados pela fama da grande patuscada que aquella noite havia de celebrar-se na taberna da tia Josefa, já se não via outro vestigio d'aquelle catastrophe senão o parche na testa; cousa em que pelo costume se não fazia reparo.

Foram pois entrando, como iamoz dizendo, os outros freguezes, e o recinto d'aquella templo profano alegrando-se. A alegria comtudo não se mostrou logo ruidosa, segundo é estylo louvavel e antiquissimo em similhantes ajuntamentos; porque alem do grave e taciturno, natural ao character castelhana, nunca desmentido desde seculos; os cangirões da tia Josefa não tinham ainda produzido o seu mirifico effeito, a não ser em mossem Graviel, o freguez tão pontual e tão infeliz que primeiro e unico n'aquella noite os tinha encetado. Mas á proporção que foram chegando homens de armas e bésteiros, em quem os habitos militares sobrelevavam ás propensões da sua terra natal, e o Diogo bésteiro appareceu na tasca, e um mosarabe andaluz que, prisioneiro na batalha de Osma, com a indifferença propria dos genios aventureiros tinha trocado o turbante arabe pelo bacinete castelhana; a scena, até alli fria e apathica, foi-se pouco a pouco animando, e a expansão convival acalorando-se no meio do riso e galhofa, em que o andaluz com a vivacidade peculiar da sua patria, e o Diogo com o cynismo da sua profissão, e o scepticismo da sua indole, representavam de primeiras partes.

A noite estava fria e humida, como geralmente é o clima de Burgos; e ainda que na tasca não havia o *hypocausto*, que esse era só uzado ao norte da Europa, nem o brazeiro, costumado conforto em Hespanha contra as intemperanças da atmosphera, suppria-os, muito bem, uma grande chaminé, onde ardiam troncos de azinheira, arvore de que as cercanias da cidade estavam cobertas, e que depois de ter embalsamado os campos de Burgos, vinha encher de aromas aquella baiúca, que, a fallar a verdade, precisava muito d'elles. Ao pé da fogueira estavam um cão, e um gato atartarugado em paz um com o outro; e até de quando em quando saltava o gato sobre o lombo do cão, e brincavam ambos na melhor harmonia do mundo, como para desmentir o adagio popular, dando uma lição de boa philosophia ou uma surra — que vem a ser pouco mais ou menos a mesma cousa — áquelles generalisadores esturrados, que sem attender ás variedades infinitas da natureza medem todos os phenomenos da criação pelo estreito compasso de meia duzia de principios. Affastado um pouco da labareda havia um amplo brazido, e sobre elle uma enorme frigideira em que alem dos carapás — prato mui decantado e já proverbial, da taberna da tia Josefa — se acerejavam excellentes barbos pescados no Arlanção. No mesmo brazido estava um vaso de barro — que não me atrevo a chamar-lhe *tijella*, mas que servia como se o fosse — onde se cosinhava um outro guisado — cousa de primor! — e em que pela primeira vez se iam estrear os freguezes venturosos d'aquella casa: era a bem dita e muito afamada *forcura*. Na parede exterior da chaminé estavam pendurados uma restea de alhos, um mólho de cebolas, e um soberbo ramo de louro, tres indispensaveis

adubos d'aquelle novo guizado; indispensaveis alem de outros, que não nomearei para que me não tachem de metter foice em seara alheia, assoalhando os segredos da muito instructiva e philosophica arte da cosinha. E em quanto a *Anna Canhota* — uma guapa e esbelta moça — andavam arranjando a meza — que vinham a ser quatro taboas muito compridas postas ao longo sobre dois bancos que as seguravam — dispoño em volta d'ella mouchos ou tamborettes, e dando aviamento a outras miudezas; estava *Madanella*, excellente rapariga — excellente de indole, mas horrenda da figura — e que a tia Josefa, muito entendida na theoria dos contrastes, tinha alli posto de proposito para dar maior realce ao bom parecer da outra companheira — estava *Madanella* cosinhando na chaminé. Todos os olhos se voltavam para aquelle sitio, com mostras de desdenhosa indifferença para a belleza da outra creada; e *Madanella* grata a estas attentões que suppunha dirigidas á sua pessoa, descuidava-se da cêa, virando-se de ora em quando para os espectadores enthusiasmos não com os encantos da cosinheira — pobre rapariga! — mas com o cheiro da forçura.

— Que te parece o novo petisco? Se o meu nariz me não mente, ha-de ser cousa de consolar as tripas. [Dizia um dos da roda para outro, que estava ao pé d'elle],

— Que me parece! Pois ainda tu estás com duvidas! Com o cheiro só faço eu boca para empinar meia canada. Olá, Anna, avia-te rapariga, e traze para aqui um cangirão.

..... da nossa morte, amen Jesus. [Eram as ultimas palavras da Ave Maria de um terço que a tia Josefa estava engrolando, as quaes tinha ella sempre o cuidado de pronunciar em voz alta: passou a conta; mas havendo reparado que contra os bons usos e regulamentos da casa em cêas solemnes como aquella era, pediam vinho antes de principiar o brodio; interrompendo o curso das suas devoções, interferiu:

— Tende paciencia, Mossem Martinho. A cêa não tardará muito que esteja prompta; e eu espero que vós e a mais companhia, depois de vos terdes estreado com o saboroso petisco, que vos mandei preparar, me façaes todos uma saude com uma pinga [e aqui a velha juntando todos os dedos da mão direita os levou á boca e beijou as pontas] — com uma pinga, com que talvez ainda se não lambesse nenhum dos que estão presentes. Pois o vinho que eu de ordinario sirvo aos meus freguezes, bebe-se bem; e a próva é que vós, o melhor entendedor de quantos conheço [com perdão da honrada companhia — accrescentou a velha entre parentheses, virando-se para a chusma, e como para mitigar o odioso da comparação] o melhor entendedor de quantos conheço, nunca lhe torcestes o nariz. Mas a gota que eu hoje vos appresento é cousa superlativa; e, alem d'isso, as usanças da minha casa em noites cheias como esta são que se não molhe a palavra antes de ter feito lastro. Estai pois quietinho, honrado freguez, e não teimeis em pedir o cangirão antes da cêa, porque isso seria máu exemplo para os outros companheiros, e ás duas por tres entravam todos a beberricar, e o petisco mais a função perdia todo o tempero.— «Se a pinga é de chupeta, como acabaes de dizer, para que diabo, havemos de estar com ceremonias? Venha vinho [exclamou mossem Martinho], e deixemo-nos de parolas. E lá quanto ao petisco, socegai: não haveis de ver-vos embaraçada com os sobejos.»

Mossem Martinho era um parceiro testudado e respingão, pouco para contradicções, ou porque se fiava na sua robustez quando o caso era de soco; ou na sua riqueza, por ser lavrador dos mais abastados. Alem de que, mais possante vasilha não a havia em todo Burgos, nem porventura em todo condado; e estou em dizer que se cá tivessemos algumas duzias de sifões da força de mossem Martinho, a questão, velha e rabugenta, dos vinhos tinha-se acabado do modo mais simples e natural que era bebendo-os; e tão nacional e patrioticamente que nem uma garrafa deixaríamos sahir pela barra fóra. Ora com taes predicados já se vê que mossem Martinho era um freguez de enche-mão; e por isso a matreira da velha o tratava — não direi como as meninas dos seus olhos, porque ella era, segundo hão-de estar lembrados os nossos leitores, *vesga*; mas como os seus melhores callos, aos quaes livrava quanto podia de entalações, e topadas. Tambem temia ou escandalisar os outros freguezes, mostrando para este uma preferencia decidida; ou arriscar-se, querendo fazer as partes a todos, a um = *venha vinho* = geral. Ora com os cangirões cheios, e os estomagos leves, molhando a véla, a embarcação ia, infallivelmente ao fundo; e ir, logo de pancada ao fundo a embarcação, ou o juizo de cada freguez, seria frustrar inteiramente o plano da tia Josefa. Ella não queria pô-los a cahir logo do primeiro jacto; mas sim aguçar-lhes o appetite; ir-lhes gradualmente alegrando a imaginação, e espevitando a lingua, e, — nauta habil, — deitando a sondareza áquelles abysmos. Como havia pois a velha de sahir d'este embaraço sem recusa formal á exigencia de mossem Martinho — recusa que não era lá muito conveniente — sem desapprovação dos outros hospedes, e sem o perigo de uma bebedeira geral antes da cêa? Muito sagaz era a maldita, e parece que em quanto maiores apuros se achava, mais expedientes lhe acudiam á idéa. Ora que havia de lembrar á tia Josefa? Pôr o negocio a votos. E de feito era a melhor solução que podia dar-lhe, o melhor modo de cortar a dificuldade sem malquistar-se nem com mossem Martinho, nem com os outros frequentadores da baiúca, nem ainda pôr-se a risco de os vêr a todos *de profundis* antes de tempo, e contra o plano por ella traçado. Dito e feito.

— Meus freguezes, vós ouvistes mossem Martinho pedir o cangirão antes da cêa, e sabeis que isto é contra a pratica da minha casa. Mas os meus freguezes mandam; e se elles disserem que mossem Martinho póde beber antes do brodio, beberá mossem Martinho antes do brodio. Vamos a votos. Cada qual diga *sim* ou *não*.» Então a velha foi perguntando a cada um. Todos disseram *sim*. Faltava um, unico, que era mossem Graviel, o sineiro. Foi perguntado. Mas, com espanto e admiração geral, mossem Graviel respondeu desabridamente com um berro que estrugiu aquella caverna: *não!*

Uma gargalhada acolheu a estrondosa denegação do honrado sineiro; porque estando elle como um cacho, não queria que ninguem mais envernizasse a pitorra; e tendo sido o primeiro e unico de todo o ajuntamento que havia bebido antes de comer, oppunha-se agora a que se estendesse a excepção a favor de um segundo! Mas o mais curioso foi esquentar-se com a gargalhada, e exclamar muito seriamente:

— Irra com tanta galhofa! Querem fazer de mim gato-çapato! Vossês estam todos bebados: o unico

que aqui se acha em seu juizo perfeito sou eu. «Outra risada ainda mais estrepitosa que a primeira se seguiu a este disparate.» E mossem Graviel continuou:

— É forte vontade de rir a estas horas! Parece que estão todos doidos! É manhã clara, [seriam, quando muito, 9 da noite], e ainda as luzes estão accezas! E eu que tenho de ir tocar á missa das almas ainda aqui estou! Ó Anna, ó Madanella, ó tia Josefa com seiscentos diabos conduzam-me até á porta, que a noite está escura como breu, e eu receio dar alguma marrada n'aquella maldita porta, e quebrar a cabeça, que, graças a Deus, está saã como um pêro. [E mossem Graviel levava a mão ao parcho que ainda tinha apertado, como para atestar com aquelle documento a verdade do seu dito, e a perfeita saude da sua cachola]. «Uma gargalhada ainda maior festejou tantos despropositos juntos como acabava de enfiar o nosso sineiro. E o Diogo disse para a velha:

— Ó tia Josefa, visto que poz essa vasilha em taes alturas, já agora acabe de a atestar.»

A velha ia responder; e mossem Martinho, que já tinha o cangirão diante de si, ia matar o bicho; quando da chaminé disse uma voz, que era a de Madanella: «A cêa está prompta.» — Alto! Disse então mossem Martinho, e vasou outra vez da altamia no cangirão o vinho que já estava para beber. —

— da nossa morte. Amen, Jesus! [Acabava a velha de rezar uma Ave Maria; mas ao ouvir o annuncio da cozinheira levantou-se, e foi apressadamente provar a forçura. — Está dizendo: co-

mei-me, comei-me [exclamou a velha depois de provar]; e accrescentou: Ó raparigas, porta fechada, e cêa na meza.»

A estas palavras um sussurro de approvação se levantou em toda a assembléa. Cada um se foi sentando, onde poudes, em volta da banca. Mas o Diogo, vendo que mossem Graviel se vinha tambem chegando, disse para as creadas que iam fechar a porta:

— Não se esqueçam de pôr na rua a mossem Graviel, que isto são horas, e mais que horas de ir tocar á missa das almas!

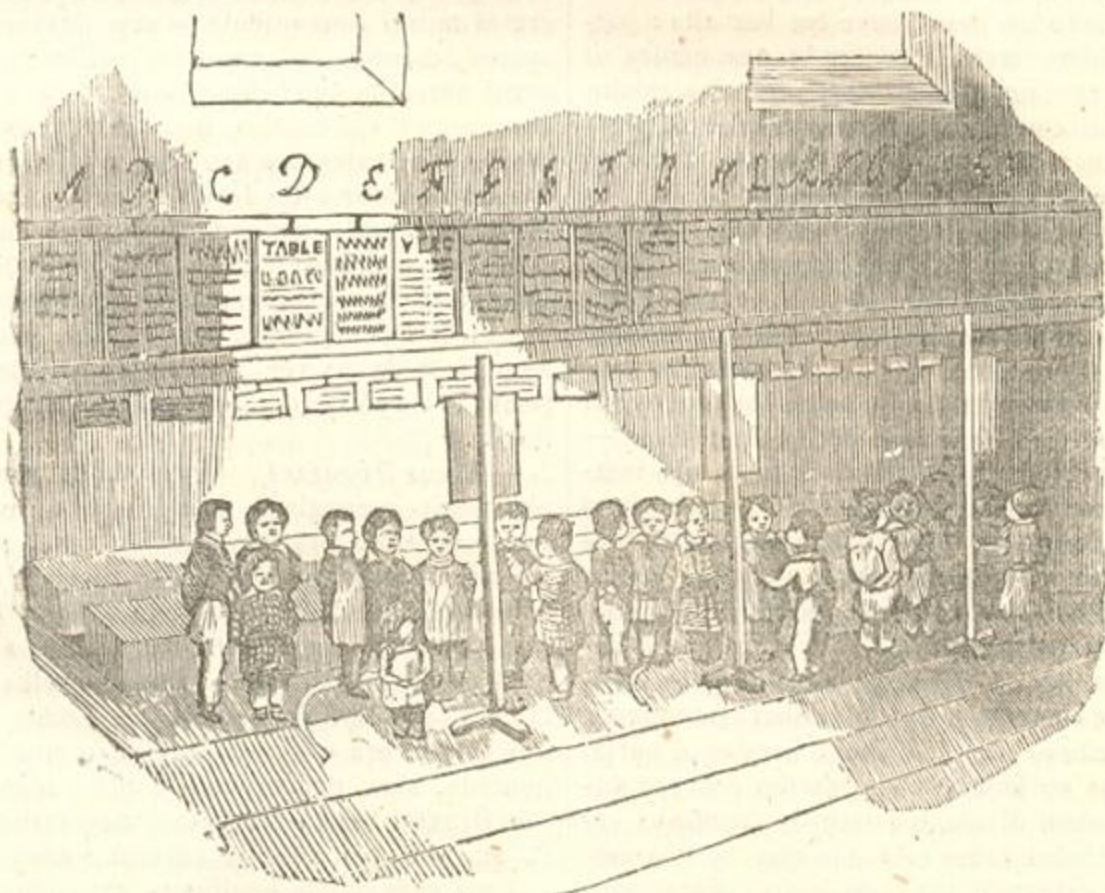
— Hum! [exclamou o sineiro] Sahir, cá o filho da velha, depois de estar a cêa na meza Tó, carocho! Eu tambem sou gente; e por ora ainda aqui tenho [battendo em uma bolça que trazia] com que pague o meu escote.

— O meu honrado freguez, mossem Graviel, sempre foi homem de boas contas [disse a dona da casa, dando na apparencia um elogio ao sineiro, mas na realidade lançando um remoque ao Diogo, que, como já n'outra parte advertimos, não era das melhores pagas.

— Ao menos [atalhou mossem Graviel] nunca lhe dei gasto ao giz.

— Não, senhor! [replicou a velha com ar diabolicamente malicioso]. Verdade, verdade. Vamos: chegue-se cá para a meza; que isto — o muito — serão nove e um quarto. A missa das almas ainda tem tempo.»

(Continuar-se-ha).
A. d'O. Marrecas.



ASYLOS DA INFANCIA DESVALIDA.

As casas d'asylo para creanças de dois a sete annos começaram ha pouco mais de vinte annos em Inglaterra sob a denominação de *infant's schools*, e logo se naturalisaram na França, na Alemanha, e na Suissa; estabeleceram-se tambem em Lisboa graças ás diligencias e perseverante zêlo da Sociedade

creada para esse fim, para a qual Suas Magestades são contribuintes e muitas das mais respeitaveis pessoas da côrte, da corporação do Commercio, e de outras classes, assim homens como senhoras, cujos nomes o amigo da humanidade verá com prazer e sentimentos de gratidão na relação que acompanha o relatorio e contas das Casas de Asylo da Primeira Infancia desvalida que todos os annos se impri-

mem. Em 31 de dezembro de 1842 existiam matriculadas 559 creanças, meninos e meninas nas sete casas estabelecidas em diversos e convenientes sitios da cidade, onde não só recebem os alumnos a educação religiosa e moral, mas tambem os rudimentos das primeiras letras; — a nossa estampa, gravura de jornal estrangeiro, mostra uma secção da aula das casas d'asylo; mas só quem examinou a escola do Carmo, no centro desta capital, póde ajuizar da ordem, do methodo, e até do acieio com que tem sido mantida e dirigida, sendo o systema d'ensino o lancasteriano muito aperfeiçoado. Do estado desta benemerita e philantropica associação no principio deste anno daremos conta em segundo artigo; mas desde já suscitámos o amor patrio e caridade dos nossos concidadãos para concorrerem a sustentar obra tão pia, que não só prepara o melhor futuro dos individuos assim educados, mas tambem da Sociedade em geral.

Ainda supondo que as mãis de familia tenham bastante illustração para educar seus filhos segundo os melhores preceitos, nem sempre podem seguir livremente as suas inspirações intimas e dedicar-se a essa educação primeira. As mulheres tomam parte frequentemente nas occupações e tarefas que mantem e alimentam as familias, e esses trabalhos são ás vezes tão continuos que não podem sem sacrificio de seus recursos ou ganhos necessarios, consagrar o tempo preciso ao dever que lhe impõe a maternidade. Quantos accidentes perigosos não estão diariamente acontecendo a filhos de trabalhadores do campo ou de outros artistas que vão longe ganhar pão, e tambem suas mulheres, como por exemplo as lavadeiras? Vê-se esta pobre gente obrigada a deixar as creanças fechadas em casa, ás vezes escura e mal ventilada, por horas inteiras; facil fóra imaginar quantos desastres dahi procedem, se desgraçadamente os não attestassem numerosos casos fataes, que chegam á noticia de todos.

As casas d'asylo, que oxalá possam ser estabelecidas pelo reino, previnem e evitam todos aquelles inconvenientes, subtrahindo alem disso os meninos aos perigos da ociosidade e ao contagio do mau exemplo. As familias pobres e as classes laboriosas alcançam mais a real vantagem em sua condição de se pouparem a sustos e inquietações, tendo a certeza de que, durante o seu trabalho quotidiano, estão seus filhos não só resguardados mas tambem tratados no que respeita ao physico, ao moral e ao intellectual; e deverão bemdizer a voz que lhe diz como o Salvador: — Deixai que venham a mim os pequeninos: toma-los-hei sob a minha protecção e repartirei com todos do meu amor e dos meus desvelos.

Que satisfação causa ver aquellas plantas mimosas, cultivadas pela beneficência, crescer debaixo da influencia de habitos de boa ordem e de acieio, dos cuidados hygienicos, da regular direcção do entendimento, e do ensino das verdades religiosas! Se não fossem as hospitaleiras casas de asylo, onde os levam diariamente alegres e satisfeitos, todos esses meninos, em vez de medrar e robustecer-se, em vez de receber lições proveitosas a seu coração e intelligencia, viveriam entregues ao acaso negligente e porventura padecendo pela falta de limpeza, definhando-se como os tenros arbustos privados do ar e do sol; triste sorte de muitas creanças de dois a sete annos a quem os pais abandonam deste modo, ou por incapacidade, ou por desfalecimento e miseria, ou por obrigação do trabalho e desgraça

de condição social. A evidencia dos factos vem em auxilio destas ponderações, e por certo não ha quem negue a grandissima utilidade desses estabelecimentos beneficos dedicados a proteger a infancia desvalida: rasão ha portanto de sobejo para os manter e multiplicar quanto for possivel. Para tão nobre exercicio da caridade publica já neste jornal fez solemne convite um dos nossos mais distinctos collaboradores; relembram-se pois e meditem-se as suas reflexões estampadas a pag. 210 e segg. do 2.º volume da Serie primeira.

DA CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS CALCULADA PARA SERVIR
DE BASE A UM SYSTEMA RACIONAL
D'INSTRUÇÃO PUBLICA.

(2.º Artigo.)

JULGAMOS ter mostrado no artigo precedente, que a principal causa da desorganisação social, debaixo de que laboram todas as nações, ainda as mais civilizadas, provém do falso systema, segundo o qual, de geração em geração, a educação e instrucção da mocidade tem sido abandonada aos pais de familias; persuadindo-se os legisladores, que ao Estado incumbe unicamente a obrigação de promptificar escholae e exigir habilitações de capacidade para se poder ser admittido a exercer os cargos publicos.

Conhecida a origem do mal, em corrigil-a deve consistir o remedio. N'outro logar havemos traçado um plano geral de educação e instrucção nacional e para ahi remettemos aquelles dos nossos leitores que desejarem conhecer em toda a sua extensão e promenores como nós entendemos que se poderia proceder nesta parte da reforma social (*). Aqui só lançaremos os principaes traços do systema, que julgámos dever ser adoptado no estudo da natureza e no ensino das sciencias, artes e officios; assim de que cada alumno, chegado á sua maioridade, se ache collocado naquella profissão, para que a natureza lhe houver dado especial capacidade, e possua de todas as outras profissões, que o podem auxiliar na da sua escolha, os conhecimentos subsidiarios, segundo a indole e extensão do seu talento.

O estudo da natureza deve ser o principio e a base de toda a instrucção, a começar dos primeiros annos da infancia.

Ninguem ignora que a delicadeza dos sentidos e a retentiva da memoria, são as duas faculdades salientes da infancia.

Por outra parte é notavel a curiosidade e o interesse com que, desde os primeiros dias da nossa existencia, nos applicamos a conhecer os differentes objectos da natureza; a entendermos os seus nomes, e a marcarmos as qualidades em que se conformam, e aquellas que mais particularmente os distinguem.

Nada mais facil pois, do que fazer conhecer aos alumnos todas as principaes especies de animaes, vegetaes e mineraes; tanto pelo que elles offerecem de util aos nossos usos, como pelo maior numero de caracteres distinctivos, que appresentarem. Por quanto, depois dos alumnos conhecerem, pelo aspecto geral do habito externo, todas aquellas especies, fica sendo facil conduzi-los á analyse dos caracteres que os reuñem em classes, ordens, gene-

(*) Projecto doCodigo Politico para a Nação Portuguesa. Paris 1839. Systema das Leis Organicas. Lisboa 1843.

ros e especies; e, por conseguinte, fazer-lhes conhecer as differentes modificações, de que são susceptiveis os diversos caracteres, que distinguem, uns dos outros, os objectos pertencentes a uma mesma familia.

Todo este estudo, ao mesmo tempo que, por ser puramente intuitivo, não só não cança, mas recreia os alumnos, enriquece a sua intelligencia d'uma immensa copia de nomes e de idéas que, ligando-se umas ás outras, habitua o espirito a coordenar em systema e a abraçar d'um golpe de vista uma grande variedade de objectos, que, sem isso, serviriam mais para confundi-lo do que para illustra-lo.

A par desta resenha dos differentes objectos dos tres reinos da natureza, seria de grande vantagem ir fazendo conhecer aos alumnos os modelos dos utensilios e machinismos usuaes, tanto no serviço domestico, como nas artes e officios que mais poderem excitar a sua curiosidade, segundo suas idades, e mesmo conforme for o gosto e propensão que cada um delles for mostrando.

Juntamente com a demonstração dos utensilios e machinas das diversas artes e officios, cumpriria demonstrar aos alumnos, admitti-los mesmo a praticar, aquellas operações que segundo as forças e propensões de cada um parecesse mais conveniente.

É por este modo que apresentando aos alumnos varios trabalhos e convidando-os a tentar aquelles para que mostrassem aptidão, se poderia descobrir, no gosto e desempenho, com que cada um seria naturalmente levado a preferir taes ou taes trabalhos, qual seja a profissão, para que a natureza lhe tem dado especial aptidão e queda.

Quando dizemos, que os alumnos devem ser guiados no estudo pratico e instructivo das differentes profissões, artes e officios, segundo o permittirem os talentos e idade de cada um; já se entende que fazemos entrar no numero destes estudos, quasi machinaes, os de geometria pratica, desenho, calligraphia, e as operações de ambas as arithmeticas, tanto a numeral como a algebrica: tudo por simples imitação e com a menor intervenção possível de quanto possa parecer raciocínio ou demonstração por principios. Esses estudos abstractos e scientificos devem ficar reservados para uma idade mais avançada, tal como a de doze a quatorze annos: e somente para aquelles que, tendo recebido da natureza as necessarias disposições para seguirem as diversas carreiras das sciencias ou das artes de superior cathegoria, precisam de conhecer a fundo os principios fundamentaes e theoreticos daquellas que houverem de professar.

Outro ramo de conhecimentos que, desde a primeira infancia, se deve promover e se pôde conseguir com o menor esforço da parte dos alumnos, com uma vantagem inappreciavel, é o das diversas linguas da Europa, pelo simples uso e pela seguinte maneira.

Nós suppomos, que se o Governo se prestasse a adoptar este plano de instrucção nacional, em vez de estabelecer seis collegios compostos de professores nacionaes, os formasse de professores escolhidos das seis principaes linguas, portugueza, hespanhola, franceza, ingleza, alemaã, e italiana; começando cada um destes seis collegios por trazer uma duzia de alumnos escolhidos das respectivas nações, afim de que distribuidos por elles os alumnos portuguezes, em numero conveniente, podessem, dentro em poucos mezes, habilitar-se pelo simples trato com os professores e alumnos estrangeiros, na respectiva lingua.

Á medida que cada um se mostrasse habilitado em uma daquellas linguas, passaria para o collegio de outra lingua: e assim tendo percorrido todas, no espaço de poucos annos se acharia de posse do immenso recurso de seis linguas e em estado de poder estabelecer-se naquelle dos respectivos paizes aonde os acontecimentos da vida ou o desejo de procurar fortuna ou o de estender os seus conhecimentos, ou enfim o serviço publico o podessem conduzir: alem da grande vantagem de se poder entender com as pessoas que daquelles paizes viessem a este reino, de ler as innumeraveis produções litterarias que nelles apparecem todos os dias, e de poder aproveitar o muito que se acha escripto em todos os ramos dos conhecimentos humanos naquellas diversas linguas.

Como os estudos puramente intuitivos, pela sua variedade, longe de cançar os alumnos, lhes serviriam de divertimento e recreio; deveria marchar ao mesmo tempo o estudo de geographia physica, para servir de base á geographia politica actual.

Dois modos teriamos de propor para o estudo de geographia: um por meio de georamas e outro de relevos.

Consiste o georama n'um globo de grande dimensão e transparente, sobre cuja superficie se acham traçados todos os continentes, mares, rios, e ilhas da terra, e disposto de maneira que o observador, collocando-se no interior do globo, abraça ao mesmo tempo com a vista a totalidade da superficie exterior deste nosso planeta.

Os relevos podem ser praticados em globos de sufficiente grandeza ou em planos, e em escala que permitta distinguirem-se os principaes accidentes topographicos: ou melhor ainda, sobre um terreno assaz vasto para comprehender os varios systemas de montes, bem como os mais notaveis rios do mundo.

Pelo mesmo theor se podem construir uranoramas, compostos de todos os corpos do nosso systema solar; observando as proporções de seus respectivos volumes, bem como dos tempos em que percorrem suas orbitas.

O conhecimento dos trajés, usos e costumes dos diversos paizes, alem de offerecer um muito attractivo estudo aos alumnos, contribuirá extraordinariamente a desenvolver nelles o espirito de observação e a apreciação das qualidades moraes e sociaes dos homens. Por outra parte todos estes conhecimentos previos concorrerão para lhes fixar na memoria e tornar-lhes mais agradavel o estudo da geographia politica.

Convirá pois familiarisa-los com todos aquelles objectos, já por via de estampas e descrições, já por via de camaras opticas, panoramas, e dioramas, onde se deverão apresentar ao mesmo tempo os aspectos notaveis assim do terreno e vegetação, como dos edificios dos differentes paizes.

Nós dissemos que entre os estudos praticos e intuitivos, e de nenhum modo scientificos, deviam occupar uma boa parte do dia dos alumnos a geometria e a historia natural; accrescentaremos que, do mesmo modo, se lhes devem fazer conhecer as leis da physica e os principaes phenomenos e processos da chimica: estudo por extremo recreativo para todas as idades e que, repetido todos os annos, a começar por exemplo dos nove em diante, muito contribuiria para se conhecer quaes dos alumnos tem mais aptidão para as artes mechanicas, quaes para as artes chimicas, e quaes para as sciencias que dizem respeito a uma ou outra destas duas

rubricas: e emfim, quaes mostrando-se inhabeis ou pouco aptos para ellas, como para as sciencias mathematicas, são talhados para os officios puramente mechanicos.

Em vez do estudo da historia, que no nosso entender é muito improprio destas primeiras idades, que nada podem comprehender, que lhes aproveite ou interesse a sua curiosidade, seriamos de parecer, que se lhes ensinasse a chronologia, n'uma ordem systematica, tanto no que diz respeito ás pessoas, como aos acontecimentos.

A musica vocal e em côro, para todos, e a instrumental para os que mostrassem para isso aptidão, devem fazer parte de toda a educação liberal.

Nos hymnos e canticos, que se devem fazer cantar aos alumnos, se pôde incluir uma grande parte de instrucção moral e religiosa, afóra os exercicios do culto e a cathechese, nos dias e horas que mais proprios parecerem.

Banindo destes collegios todos os brinquedos rusticos e selvagens de luctas dos alumnos, devem-se-lhes substituir os jogos de destreza e os de gymnastica que, desenvolvendo a agilidade e as forças dos corpos, os torna mais robustos e muito contribue para a conservação da saude.

Nós comprehendemos na gymnastica o exercicio e aperfeiçoamento de todos os sentidos: o da vista, por exemplo, esforçando-se por distinguir objectos na maior distancia possivel, e em medir a olho as distancias e os volumes &c. O ouvido, applicando-se a distinguir o maior numero de notas, e bem assim a conhecer as pessoas pelas vozes, e exercita-lo nas harmonias dos sons, bem como o sentido da vista na harmonia das côres, e emfim o tacto, habituando os alumnos a fazer igualmente uso de ambas as mãos, e a avaliarem os gráus de convexidade e de concavidade dos corpos, e seu gráu de polidez, o pezo especifico dos corpos em que esse conhecimento é mais preciso, &c.

Taes são os objectos que nós julgámos deverem fazer a base de instrucção geral — dos primeiros doze até quatorze annos.

Concluidos estes estudos primarios, uns entrariam nas profissões mechanicas das artes ou officios, para que se tivessem mostrado mais aptos; outros seguiriam a carreira das sciencias ou das bellas-artes, se para isso tivessem dado provas de terem uma propensão e capacidade especial.

N'outro artigo trataremos destes estudos e trabalhos da ordem superior, tanto nas sciencias e letras como nas bellas-artes.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

AS LETRAS NA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO EM PORTUGAL.

(Fragmento de um livro inédito.) (*)

FORAM [na controversia dos ritos] picantes os escriptos do padre Galizes contra o mestre das ceremonias. Era Galizes ardente, livre, e muito religioso na observancia das tradições. Como tinha cabeça mais escolastica e douta que os competidores, atreveu-se, e disse em latim e portuguez mil cousas contra as innovações do mestre das ceremonias. A este porem desaffligiram os preiados consentindo nos accidentes, em que o rito variava. A todos inclinava para essa novidade a voz de que elrei D. João

5.º queria similhanças romanas em o nosso rito occidental. Os prelados e os aspirantes acham sempre suavidade no ar da córte, e della fazem cortezia, obrigação e pundonor. Por nenhuma destas affeições obrou certamente Fr. Verissimo, porque era religioso desapegado e sincero. Entendeu algumas vezes bem, outras sem razão, que deviam acabar todos os costumes vindos dos antigos. Sua determinação, algumas vezes mal advertida, não o deixou gostar da unção que a antiguidade confere a quem obra no espirito della: por outra parte foi mui louvavel padre em seus escriptos e empenhos.

Longe dos deste genero de rito se pozeram outros religiosos, não digo dos que por humor tinham indifferença, mas dos que se applicaram a outros propositos. Foram entre elles os capellães do exercito, que passou a Catalunha, e das armadas a Corfú. O que nestas serviu de capellão-mór, Fr. Francisco de St.ª Maria, aproveitando as oportunidades, fez muitos apontamentos do rito dos gregos, estudou o ritual da nossa congregação de Italia, para aproveitar o que fosse digno de imitação nesta provincia. — Fr. Bernardo dos Santos escreveu os *Diarios* das duas expedições, e Fr. Domingos da Conceição o outro *Diario* do exercito, desde a sahida do reino até á volta de Valença. — Fr. Francisco de Castello de Vide soube mais, e mostrou-o traduzindo algumas obras de Clericato, e escrevendo sobre questões do estado regular. — Versificaram outros como Fr. João Pomba, Fr. Francisco Pombo, e Fr. João de Nazareth; deste ha cousas impressas.

Com estes exemplos não deixava a mocidade, que ainda apprendia nos cursos de philosophia e theologia, de tomar inclinação a imita-los, achando-se livre da prisão das aulas. Ainda mesmo dentro dellas fazia seus ensaios; e o reitor do collegio de Coimbra, o doutor Fr. Pedro Saborosa, em sua cella recolhia os collegiaes nas horas do ocio, dando-lhe assumptos para discorrerem, e instruindo-os na historia do reino, em cujo estudo teve paixão e sabedoria: nestas fadigas perdiam os collegiaes o appetite de sahir do claustro, costume nocivo a procedimentos litterarios e moraes. Era para acautelar o abuso, que facilmente acontece, pela fugida da severidade das aulas scientificas para cousas amenas e de entreter. Por isso praticados estes exercicios, debaixo de regra e de inspector, é util, necessario, e faz emulação. Mas ainda se praticavam a outros respeito. O nosso collegio de Coimbra, competidor das erudições dos padres das outras casas da provincia, pagava-se de seus empregos escolasticos em conferencias domesticas e conclusões publicas, systema do paiz, que mais daria a conhecer seus raros talentos, se porventura se facilitassem aos compositores as despezas das impressões. A falta destas é raiz poderosa de desculpas contra as suspeitas, que podem fazer os estranhos, de ocio e rudeza. Estas apprehensões na verdade se desmentem pelos estudos constantissimos, e desempenhos nacionaes ferventes e sabios, mas desconhecidos alem do nosso horisonte. Assim acontece tambem pela falta de diarios e de commercio, que levassem nossas mercadorias litterarias aonde as gostassem, visto que as temos, e quando algumas escolhidas apparecem na republica das letras, dá-se-lhes bom logar. Comtudo em nosso collegio explicava-se; e chegava a mais do que a conclusões, a nobre emulação. O padre mestre Fr. Joaquim, atrahido sempre que letras o tocavam, teve a fortuna de tratar a um sabio de raro nome, pelas ave-

(*) Continuado de pag. 144.

riguações que já em o anno de vinte fazia por cartorios e depositos de memorias nacionaes, publicas e particulares. Frequentemente se me queixou o mesmo padre de perder mui fóra de tempo aquelle amigo, o erudito Manuel Pereira da Silva Leal, pois d'elle muito aprenderia. A suas emprezas só poude servir o padre Fr. Joaquim José com as noticias que pertencem ao nosso collegio de Coimbra, e foram opportunas para a trabalhosa e rica *Apolo-gia*, que o mesmo sabio publicou em bem do real collegio de S. Pedro. Esta falta do seu amigo compensava o padre mestre Fr. Joaquim nos ultimos annos da sua vida, communicando com o erudito academico, e irmão do referido escriptor, Joaquim Pereira da Silva Leal, de quem ainda conservo a carta, que assim o refere; sendo a ultima conferencia entre elles pouco antes do fallecimento do padre mestre Fr. Joaquim, em o anno de cincoenta e cinco. A este seu condiscipulo pedia seu parecer Joaquim Pereira sobre o elogio historico do doutor Nicoláu Francisco Xavier da Silva, que devia recitar na academia real de historia.

Ainda durava o seculo das academias. A duração era effeito dos bons principios, e tambem porque o caracter da nação é o do monarcha. Sendo paixão d'elrei D. João aquelle genero de estudo, porque passava quatro e cinco horas continuadas nesta lição, para esse fim dispóz uma união de academicos escolhidos, que competissem com o grande e excellente merito de seu assumpto, qual era a historia da patria. Espalhou-se pela monarchia este calor: os paroxismos vieram-lhe da desordem em que pôz o reino o terremoto de cincoenta e cinco. Mas d'antes nas casas particulares, nos conventos de religiosos, e por outras maneiras, se ajuntavam a cada passo não só os letrados, mas tambem os que tanto pretendiam, tratando com diligencia os assumptos. Os mesmos principiantes de quaesquer estudos, não satisfeitos com as suas aulas, nos mesmos dias feriados desconheciam o descanso absoluto, porque então haviam lições dos condiscipulos mais adiantados, e entre si imitavam os actos sollemnes litterarios, presidindo em suas casas um mais velho, e argumentando aos estudantes de uma faculdade os que de seus principios acabavam de passar a outros estudos. Nomearei por honra uma destas proveitosas conferencias na casa do doutor Joaquim Simpliciano do Canto, pelo ver presidir a semelhantes actos, quando entrada a quarta decada deste seculo começava eu a gostar a doçura das letras. Eu ponho agora na memoria dos homens a este erudito, porque edificado e attrahido sempre da sua admiravel probidade e bons estudos, me vejo por elle generosamente obrigado com um poema latino, muito digno de si, feito na minha consagração em bispo. — Quando se errava entre os principiantes, e assim se conhecia, bem andava o projecto daquelles exercicios. Se a teima exercitava a palestra, buscavam-se os doutos, e apaziguavam o encontro de opiniões; porque só nas pessoas daquelle caracter de maior doutrina terminava o compromisso. — O tempo tambem, ou algum outro accidente, gastava as duvidas, se o silencio não o fazia, deixando o divorcio no coração. Estes eram os defeitos, mas raros; porque eu vi que ordinariamente a cousa caminhava de boa fé. Nos mesmos claustros achei praticada aquella curiosidade. Nos dias do padre Fr. Joaquim, sendo collegial, elle o fomentava em o nosso collegio de Coimbra, com sociedade de bons amigos, e no collegio de St.º

Thomaz e de S. Jeronymo. Admittiram-se os contemporaneos habeis sendo todos collegiaes, e que foram depois professores, ou doutores em a universidade, e prelados maiores das suas ordens, e alguns bispos. Por honra daquelles exercicios devo mandar á posteridade que nada havia de abuso, ou de escandalo. Tratei a quasi todos aquelles socios, sempre d'elles aprendi. Não sei se algum desamor hoje aparta de semelhantes usos a mocidade: ou se o costume de mais querer o espirito de censura e de independencia, do que o prazer na communicação dos mesmos sentimentos, faz um systema negativo, que degenera em outros prejuizos. Pareceu-me dizer estas cousas, para que a mocidade aprenda e bem queira os caminhos de ser douta, e de alegrar seu espirito para o trabalho forte e vario.

Por estes estimulos viu então o padre Fr. Joaquim ser-lhe necessaria a lingua franceza, e lha facilitou o mestre Lelang, que chamou ao convento de Lisboa o padre Barradas, como para cousa util á litteratura da provincia, e se tirar o aproveitamento de que a lingua franceza é capaz em seus bons livros. Oxalá que os encontros que teve o padre Fr. Joaquim nos seus empregos não lhe houvessem impedido os progressos na lingua grega, a que sempre concedeu prestimo essencial em juizo contraditorio dos que della não sabiam. Havia-lhe dito meia palavra nosso ingenuo amigo, o sabio consulto Ignacio Ferreira Souto, discipulo nesta lingua do respeitavel theatino D. Jeronymo Contador, e não podia não fazer impressão efficaç em uma alma de verdade. Eram de concurso activo a memoria e a presença de muitos philologos, que a cultivam nas ordens regulares, e muitos particulares nas suas casas, dos quaes tenho visto neste genero cousas impressas e outras manuscriptas, e de outros tenho a certeza pelos ouvir em trato familiar. Das pessoas, alem das mencionadas, do meu conhecimento, ou communicação, que sabiam esta lingua, devo fazer alguma memoria, que abone a nossa nação nas horas melancolicas de nada a respeitarem a este proposito. São ellas Martim de Pina e Proença, sabio tambem nas linguas hebraica e arabiga, de quem possuo um fragmento manuscripto do Alcorão, despojo que lhe ficou da victoria de Belgrado: o padre Victorino José, do qual me ficou por legado a sua Arte assignada da sua letra: os padres Fr. Manuel de Santo Antonio, e Fr. Jacinto de S. Miguel, traductores de *Luciano* impresso em portuguez. Da sua mesma ordem de monges de S. Jeronymo a sabiam os doutores Fr. Feliciano da Conceição, e Fr. Antonio de S. Boaventura; assim como os dois professores de latini-dade, Manuel Pereira da Costa, e Antonio Felix Mendes. Do erudito Luiz do Couto Felix temos cartas e versos escriptos em grego. Conservo umas notas portuguezas e modernas, conferidas com o grego sobre a traducção do *Discurso de Luciano*, vertido em castelhano por Pedro de Valencia, impresso em Lisboa em 1626 por Pedro Craesbeck *Que no debe dar-se credito facilmente à la murmuracion*. Ainda se gostava em Hespanha das vehemencias de Luciano, pois que cinco annos antes foi impressa a traducção de oito *Dialogos* daquelle publico censor, feita pelo conego D. Francisco Herrera Maldonado.

(Continua.)

Os moços, por falta d'experiencia, de nada suspeitam; os velhos por muito experimentados de tudo desconfiam.